

A importância dos arquivos como fonte de pesquisas

ANIBAL MAYA

Oficial Administrativo com exercício no D.A.S.P.

1. AS DIFICULDADES DA PESQUISA HISTÓRICA

A HISTÓRIA constitui, sem dúvida, um dos campos científicos sobre os quais se tem dedicado mais demoradamente a curiosidade humana. No dizer de NAVILLE, "o homem tem boas razões para se considerar o que há de mais importante no seio da criação ou, ao menos, naquela parte da criação que conhecemos um pouco". Em consequência disso, a humanidade se interessa por si mesma de um modo especial e investiga, com muito zelo, o seu passado e o seu presente (1).

Não obstante, foi sempre árdua a tarefa a que se lançaram os pesquisadores, para registrar com precisão os acontecimentos mais relevantes da vida dos povos. Desde o velho Heródoto — pioneiro dos estudos históricos — que se vem lutando contra a precariedade das fontes informativas. É verdade que muitos séculos antes dele já se fazia a crônica dos episódios mais importantes, como o atestam as inscrições relativas aos triunfos e derrota dos reis da Mesopotâmia; mas essa documentação não era deixada de modo sistemático e poucas vezes podia ser aceita como base absolutamente segura para um estudo honesto e aprofundado.

Essa dificuldade foi sentida nas mais diferentes fases da história humana. Podem-se-lhe atribuir, em grande parte, os erros cometidos por Tucídides, Xenofonte e Políbio, na Grécia; e por Salústio, Tácito, Dion Cassius e Suetônio, em Roma. Houve, sem dúvida, outros erros, devidos, ou à incapacidade do investigador para formar juízo exato sobre os acontecimentos, ou ao fato de se ter deixado influenciar pelo meio em que viveu. Os historiadores romanos, por exemplo, sempre se comoveram diante da magnificência dos seus imperadores, das vitórias das suas legiões e dos encantos

das suas corteças. Suetônio, escriba da corte de Adriano, Velejo Patérculo, que, no dizer de muitos, teria honrado a História, ignorando-a, Salústio, Tito Lívio, Plínio o Jovem, Plutarco — todos eles nos deram, por certo, informes valiosos sobre a república romana, mas seus escritos nunca poderão constituir fonte absolutamente fiel, segura, imparcial, despida de ódios e de paixões, capaz de inspirar um relato sincero dos fatos principais daquela era luminosa. Todos eles sofreram as contingências do momento. Viram-se, muitas vezes, forçados a dar feição diferente à narrativa dos acontecimentos, ou a retocar, para melhor, os perfis imperiais que lhes cumpria apresentar à posteridade. Estrabão chamou Tibério: o mais justo dos mortais. Patérculo afirmou que Seyano, por suas qualidades, se achava mais próximo dos deuses do que dos homens. Para Plutarco, Nero foi um salvador de povos.

Se lançarmos as vistas para os cultores da História na Idade Média — homens da Igreja, na sua maioria — verificaremos que mesmo os de maior saber, como Saxo Grammaticus, Adão de Bremen, Otto de Freising, Rogério de Wendover e Matias de Paris, se ressentiram da carência de fontes. O mesmo se pode dizer dos soberbos historiadores do Islam: Masudi, Tabari e Ibn-Khaldun; dos grandes nomes do Renascimento, como Petrarca, Lorenzo Valla e Marcílio de Pádua; dos representantes da historiografia crítica, que se desenvolveu no século XVII, com os trabalhos de Bodin e Mabillon; dos primeiros pontífices da corrente filosófica, como Voltaire e Diderot; e, finalmente, dos historiadores de hoje, ainda sob a influência da interpretação econômico-social, proposta por Marx.

Enfim, em todas as épocas, da antiguidade clássica aos tempos modernos, de Heródoto aos pesquisadores do século XX, foram sentidas, agudamente, as dificuldades que a pobreza das fontes trazia à investigação histórica. Essa pobreza manifestou-se,

(1) NAVILLE, *Classification des Sciences*, Paris, 1920, pág. 211.

própriamente, em qualidade, e não em quantidade. Com o correr dos tempos, com o desenvolvimento do espírito humano e, em especial, com a invenção da imprensa, formou-se copioso material informativo sobre os acontecimentos históricos. Essa abundância veio, no entanto, por paradoxal que pareça, perturbar a serenidade do estudioso, que passou a se perder facilmente no caos documentário, sem encontrar um fio de Ariadne que o guiasse na procura da verdade.

Foi por isso que desde cedo se sentiu a necessidade de se proceder a uma seleção acurada dos documentos que desempenhariam, no futuro, a importante missão de orientar os pesquisadores na investigação e na análise dos fatos mais decisivos do presente. Surgiram, assim, os arquivos históricos (2).

Embora todos os povos da antiguidade (egípcios, hebreus, caldeus, assírios, persas, etc.) os tivessem adotado (3), a rigor, eles só assumiram o caráter de instituição com o estabelecimento do Arquivo Geral de Simancas, na Espanha do século XVI. O primeiro edifício construído na Europa com o objetivo especial de abrigar documentos foi, provavelmente, o Registro Geral ("General Register House"), iniciado em Edimburgo (Escócia), em 1772. Seguiram-se os exemplos da Inglaterra e do Canadá, com a criação, naquele primeiro país, de uma Repartição de Documentos Públicos ("Public Record Office"), em 1838, e neste, de uma agência de arquivos, em 1904.

Entre nós essa preocupação também cedo se fez sentir. A 2 de janeiro de 1838, Pedro de Araújo Lima baixou, em nome do Imperador, Senhor D. Pedro II, um regulamento que dava instruções sobre o Arquivo Público, estabelecido, provisoriamente, na Secretaria de Estado dos Negócios do Império. O referido arquivo foi reorganizado, sucessivamente, pelos decretos ns. 2.541, de 3 de março de 1860, e 6.164, de 24 de março de 1876, sendo nesse último indicado, precisamente, o objetivo da instituição: receber e conservar debaixo de classificação sistemática todos os documentos concernentes ao direito público, à legislação, à

administração, e à história e geografia do Brasil, e quaisquer outros que o governo determinar que ali se depositem.

2. O ARQUIVO NACIONAL DE WASHINGTON

Sòmente em 1934, em virtude do "National Archives Act", foi dotado o governo federal norte-americano de uma agência (subordinada diretamente ao Congresso), que se incumbisse de conservar, sistematicamente, os seus documentos de valor. Êsse retardamento, no entanto, permitiu que — como corolário dos demorados estudos que precederam à sua criação — o Arquivo Nacional, de Washington, se tornasse, no gênero, uma das instituições mais bem aparelhadas do mundo. Desde então, vem êle prestando relevantes serviços aos pesquisadores da história americana.

A descrição das suas finalidades e de alguns dos aspectos mais interessantes do seu funcionamento como centro de pesquisa constitue, assim, ao nosso ver, um complemento, ou, antes, uma ilustração de excepcional valor para o estudo que vimos fazendo.

Podemos, de um modo geral, dizer que os objetivos do Arquivo Nacional, de Washington, são:

1. A concentração e guarda dos documentos do governo, cujo valor administrativo ou histórico faz com que devam ser conservados.
2. A administração de tais documentos de maneira a facilitar seu uso, não só pelas repartições públicas, mas também por particulares.
3. A aceitação e legitimação de fontes não oficiais.
4. A guarda e conservação de filmes cinematográficos ou discos fonográficos pertinentes à História dos Estados Unidos e ilustrativos dos seus principais eventos.
5. A preservação de todas as proclamações presidenciais, disposições executivas, ordens, normas e regulamentos produzidos pelo governo.
6. A publicação no "Federal Register" de tudo aquilo que tiver aplicação geral e efeito legal (4).

Para que um arquivo moderno preencha, satisfatoriamente, as suas finalidades, é indispensável que abra as portas a todos os que se interessarem pelos documentos lá contidos. A maior parte da sua importância e da sua utilidade estaria preju-

(2) A palavra *arquivos*, como todos sabem, deriva do grego *archeion* (casa de governo). De uma significação restrita de repositório de documentos de uma agência governamental, passou a ser empregada, de modo genérico, para designar qualquer acumulação de documentos, por diversos que fôsem a sua natureza e a sua procedência.

(3) Sob as ruínas do palácio de Assurbanipal foram encontrados resquícios dos arquivos dos reis assírios.

(4) *Conf.* "The National Archives Staff Information Circular n. 3", abril de 1939, pág. 3.

dicada, se a organização incumbida da guarda dos documentos os conservasse sob sete chaves, não permitindo que a êles tivessem acesso os estudiosos. Há, naturalmente, material que, por seu extraordinário valor, não pode ser confiado a quaisquer mãos, cercando-se, portanto, a sua apresentação de muita cautela. E' o caso, por exemplo, do célebre "Bill of Rights", peça legislativa que contém as dez primeiras emendas à Constituição dos Estados Unidos, emendas essas propostas por uma resolução do Congresso, em 25 de setembro de 1789, e que, a 15 de dezembro de 1791, foram ratificadas pelas legislaturas de três quartas partes dos Estados americanos. Com exceção de documentos desse tipo, todos os demais devem ser consultados livremente por quem tiver razão legítima para desejá-los. Será mister, evidentemente, preencher certas formalidades consideradas indispensáveis. No Arquivo Nacional, de Washington, antes de ser admitido em uma sala de pesquisas, o candidato deverá fazer uma inscrição formal, de que constem: nome, endereço, profissão e fim para o qual a admissão é desejada.

A existência de um catálogo oficial, de guias, inventários, listas, calendários, índices e de uma biblioteca de referência, postos à disposição do consulente, torna a pesquisa muito fácil. Além de fornecer dados sobre o material arquivado e sobre a forma de utilizá-lo, aquela instituição se incumbem, também, de extrair informações dos próprios documentos, para o que dispõe de especialistas em pesquisa histórica, os quais estão capacitados a atender, prontamente, a quaisquer solicitações que lhes sejam feitas, tanto por funcionários do governo como por particulares. As pesquisas são feitas em salas amplas e iluminadas, providas de todas as acomodações necessárias a um produtivo trabalho intelectual. Máquinas de escrever são postas à disposição dos consulentes que delas se quiserem servir. Há, ainda, no edifício, equipamento para fornecer, mediante remuneração, fotografias, cópias fotostáticas e microfilmes do material que se desejar. Desta forma, embora os documentos não possam ser emprestados — senão ao governo, para uso oficial — qualquer pesquisador poderá obter, a qualquer momento (mesmo pelo correio), mediante encomenda, reproduções do material de que necessitar.

Pode parecer à primeira vista que o gasto com a instalação de um aparelhamento de microfotografia não seja compensado pelas vantagens que

pode proporcionar. Se, no entanto, estudarmos demoradamente, os melhoramentos que tais serviços produzem, compreenderemos muito bem o que representa, para uma grande organização de arquivos, a sua montagem. Em quatro pontos capitais difere a microfotografia dos demais métodos de reprodução fotográfica: 1) na rapidez com que as cópias podem ser tiradas; 2) na redução em quantidade do material fotográfico exigido; 3) na redução do volume dos documentos, o que produz uma economia de cerca de noventa por cento do espaço antes ocupado; e 4) na possibilidade de serem as microfotografias reproduzidas, quando necessário, a preço muito baixo (5).

A conservação do microfilme é bastante mais fácil do que a do original. Infelizmente, os documentos têm sido, e continuam a ser, produzidos sem a devida atenção à sua provável importância futura. Muitas vezes, é usada tinta de má qualidade, e, ao cabo de alguns anos, os tipos se acham ilegíveis; outras, devido a circunstâncias especiais de momento, êles são escritos mesmo a lapis e em papel que se não presta a um importante destino. Sabe-se, por exemplo, que, durante a guerra de 1876, a última mensagem do General Custer foi escrita a lapis, em folha arrancada de uma pequena caderneta de notas, exatamente na véspera da batalha do "Little Big Horn", em que êle e todos os seus soldados pereceram. Esse documento, tão toscamente elaborado, constitui hoje uma evocação preciosa de um grande soldado americano (6).

O fogo, a água, os insetos e outros agentes deletérios não respeitam os documentos, nem mesmo os mais cuidadosamente produzidos. Mas, se dêles tirarmos cópias em microfilme, enquanto os originais se acharem legíveis e em boas condições, teremos seu texto preservado para o futuro, e essas cópias, ao fim de poucos anos, estarão mais legíveis do que os originais. A segurança que elas representam foi evidenciada com o que se deu, há certo tempo, no "Middle-West" dos Estados Unidos. A "Work Progress Administration"

(5) Consultar, sobre o assunto, a publicação "Micro-Filming with Eastman Micro-File Recordaks", "Recordak Corporation", Nova York.

(6) A significação desse fato foi salientada por VERNON D. TATE, em *Microphotography in Archives* ("National Archives Staff Information Circular N. 8", abril de 1940), trabalho esse do qual extraímos alguns informes interessantes sobre a aplicação da microfotografia à moderna técnica de arquivos. O mesmo trabalho foi publicado pela *Revista do Serviço Público* (abril de 1943, págs. 77-82), em tradução de Guilherme Augusto dos Anjos.

havia filmado grande número de documentos que continham importantes informações sobre edifícios públicos locais. Uma grande enchente destruiu diversos desses prédios, juntamente com a maior parte dos documentos. Graças à existência das cópias em microfilme, foram salvos valiosos dados, que representavam longo e penoso trabalho, e que de outra maneira estariam perdidos.

Aliás, se abstrairmos por um pouco da importância puramente documental da microfotografia, encontraremos vantagens de outra natureza, que merecem ser consideradas. É o caso da redução do volume de material arquivado. Vejamos um exemplo: Doze anos da vida de um jornal como o *New York Times*, somando cento e trinta e duas mil e quinhentas e sessenta páginas e ocupando um espaço de cerca de cento e quarenta e cinco pés cúbicos, foram microfilmados, passando a ocupar um espaço de apenas três pés cúbicos e meio.

Hoje em dia, o problema do volume dos documentos que devem passar à posteridade precisa ser encarado seriamente. Temos, em cada país civilizado, algumas centenas de repartições pro-

duzindo, incessantemente, papéis que se podem tornar de grande importância futura. É importantíssima a sua conservação e realmente sério o problema da sua guarda. Embora selecionados com cuidado, o seu número se avoluma tão rapidamente que as instalações existentes para conservá-los se tornam quasi sempre inadequadas. Surge, então, o microfilme, como o meio mais rápido e conveniente de reduzir-lhes o volume.

Em geral, os documentos produzidos por uma repartição no decorrer de um serviço perdem o valor logo depois de terem servido aos seus objetivos. É mister, pois, eliminá-los, para evitar que fiquem tomando espaço nos prédios públicos. Como os documentos sobre trabalhos de rotina se acumulam com muita facilidade, o problema necessita, muitas vezes, de urgente solução. Por outro lado, se for julgada aconselhável a sua eliminação, isso deverá ser feito com cuidado para evitar a perda de documentos que possam vir a tornar-se importantes. Há sempre perigo de serem jogados à cesta, juntamente com papéis sem valor, documentos que futuramente se farão necessários à repartição que os gerou, ou úteis a pesquisas de historiadores, economistas e sociólogos.